

“Mudanças e permanências no ensino da leitura e da escrita (1970-2010): um estudo da história da alfabetização através de planejamentos de aulas de alfabetizadoras”

LIMA, Gisele Ramos¹
PERES, Dra. Elinae²

¹ Mestranda da PPGE/FaE/UFPel- giseleramoslima@ig.com.br

² PPGE/FaE/UFPel- eteperes@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem o objetivo de apresentar os resultados iniciais de uma pesquisa de mestrado em andamento que procura identificar mudanças e/ou permanências do ensino da escrita e da leitura entre os anos 1970 e 2010, a partir da análise de planejamentos diários de aula de professoras alfabetizadoras, chamados, para o caso do Rio Grande do Sul, de “Diários de Classe”.

Este estudo insere-se no campo da história da alfabetização e está vinculado ao grupo de pesquisa HISALES (História da Alfabetização, Leitura, Escrita e dos Livros Escolares), que é ligado ao Programa de Pós-graduação em Educação da FaE/UFPel.

As discussões sobre a melhor forma de ensinar crianças, jovens e adultos a ler e a escrever na escola tem sido recorrente na história da educação.

Até metade dos anos oitenta do século XX, essa discussão centravam-se em embates referentes ao melhor método de ensino para superar o problema do “fracasso escolar na alfabetização”, que existe em nosso país desde a implantação da escola, especialmente com o advento da escola pública, gratuita, leiga e obrigatória que surgiu com o ideário republicano, sendo a escola considerada espaço institucional por excelência que deveria se ocupar com o ensino e com a aprendizagem do povo (MORTATTI, 2006).

A partir dos anos oitenta do século XX ocorre uma mudança gradativa no paradigma da educação, a preocupação central desloca-se do “como ensinar” para o “como se aprende”, ou seja, como as pessoas se apropriam da leitura e da escrita que passa a ser percebida como objeto de conhecimento. A análise dos diários intenciona investigar como estas mudanças foram registradas pelas professoras em seus planejamentos de aula. A pesquisa é fundamentado nos seguintes autores: ARTIÈRES (1998), CHARTIER (2007), GINZBURG (2011), LAPUENTE E PERES (2010), MIGNOT (2006, 2008), MORTTATTI (2000), PÉREZ E GARCÍA (2001), SOARES (2002, 2006).

2. MATERIA E MÉTODOS:

As fontes utilizadas na pesquisa são os cadernos manuscritos de planejamento de professoras alfabetizadoras, Diários de Classe, pertencentes ao acervo do grupo de pesquisa HISALES. Atualmente temos um acervo de 60 Diários de Classe de turmas de 1ª ano/1ª série, que foi se constituindo a partir de doações de professoras ou pessoas próximas às professoras alfabetizadoras¹. Um dado relevante aqui a considerar é que o suporte desses planejamentos de

¹Para conhecer o acervo acesse o seguinte endereço eletrônico: <http://www.ufpel.edu.br/fae/hisales/>

aulas manuscritas, os Diários, são cadernos de aula 'comuns' (a maioria do acervo é constituído de cadernos grandes, medindo 200mmx275mm). Isso leva a observar aquilo que CHARTIER (2007) afirmou em relação aos cadernos dos alunos, ou seja, de que cadernos são, ao mesmo tempo, uma fonte (ou objeto) de investigação "fascinante e enigmática, difícil de tratar e de interpretar, justamente por sua aparente banalidade" (p. 23).

Os Diários de Classe do referido acervo cobrem o período da década de 70 até o ano de 2010. Optei por estudar a questão do ensino da leitura e da escrita, então, tomando esses documentos aparentemente 'banais' para análise.

Para o levantamento dos dados inicialmente foi elaborada uma ficha descritiva dos diários contendo algumas informações gerais como: número de aulas registradas, período do registro, metodologia utilizada pela professora, nome da escola, e observações gerais referente aos Diários e seu conteúdo (tipo de capa, cuidado com a organização, anotações profissionais de atividades pedagógicas extra-classe, anotações pessoais, etc). Em um segundo momento passei a trabalhar com o levantamento de dados focando no tipo de atividades desenvolvidas e a recorrência destas atividades ao longo do planejamento das aulas, elaborando uma Tabela longitudinal para cada diário contendo os tipos de exercícios e os dias em que eles constavam no planejamento das aulas.

Com a análise da tabela é possível saber as atividades mais recorrentes e as que aparecem eventualmente. Assim, somando os dados da tabela com os dados da análise da ficha descritiva do caderno vem sendo possível obtendo indícios (GINZBURG, 2011) mais precisos referentes a metodologia pedagógica adotada pela professora para ensinar seus alunos a ler e escrever. Metodologia esta que deixa vestígios (GINZBURG, 2011) das concepções que as professoras tem em relação ao ensino da leitura e da escrita em cada período estudado.

Sendo assim possível sabermos quais mudanças e permanências têm ocorrido nas concepções e metodologias de ensino da leitura e da escrita nas últimas décadas do século XX e primeira década do século XXI. Um estudo, portanto, que abrange quatro décadas, dos anos 70 até os dias atuais.

Ao analisar os registros dos planejamentos das professoras não se pode esquecer que parte do que foi desenvolvido na sala de aula está silenciado, pois conforme VIÑAO (2008) não temos acesso aos gestos e falas das professoras e das crianças.

Mas, dando atenção e tratamento especiais, do ponto de vista da problematização, aos registros em questão e considerando o paradigma indiciário (GINZBURG, 2011), é possível identificar e analisar as metodologias utilizadas para o ensino da leitura e da escrita respondendo assim a questão inicial da pesquisa, ou seja: quais são as mudanças e/ou as permanências no ensino da leitura e da escrita na fase inicial da escolarização, entre os anos 1970 e 2010? As primeiras evidências para responder essa pergunta são descritas a seguir.

3. RESULTADOS E DISCUSSÕES

Nas análises realizadas até o momento foi possível verificar que nos diários da década de 70 ocorre a predominância de exercícios perceptivos motor no planejamento do primeiro mês de aula. As letras são apresentadas uma a uma iniciando pelas vogais. Os indícios contidos no planejamento da professora permitem dizer que ela utilizava o "Método da Abelhinha", que segundo

LAPUENTE E PERES (2010) possuía um rico material ilustrado, uma cartilha e um manual do professor descrevendo todos os passos a serem seguidos no decorrer das aulas.

Em uma análise preliminar dos Diários de Classe referentes aos anos 1980, 1990 e 2000 foi possível verificar nos anos de 1980 há permanência de propostas de alfabetização disseminadas nos anos de 1970, ou seja, ainda apresentam o “período preparatório” e há uma organização metodológica vinculados a métodos analíticos ou sintéticos de alfabetização, bem como a indicação de uso de cartilhas.

O mesmo acontece com os Diários de Classe dos anos 1990, mas nesta década observa-se uma redução do tempo destinado ao chamado “período preparatório”, as letras são apresentadas na primeira ou segunda semana de aula, mas o método predominante ainda é o sintético, em especial com o processo da silabação.

Nem todos os Diários da década de 2000 apresentam propostas aliadas aos princípios construtivistas que foram disseminado nesta década, alguns Diários desse período ainda apresentam propostas de atividades relacionadas ao método sintético, com o uso da silabação, inclusive contendo algumas atividades referentes ao “período preparatório” na 1ª semana de aula. Isso permite dizer que neste período ocorre uma convivência entre as permanências e as mudanças nas concepções de alfabetização, com a ocorrência da adesão lenta e gradativa às práticas construtivistas de alfabetização.

A análise de todos os cadernos da década de 2000 ainda está em andamento, mas é possível perceber que nos Diários que apresentam vestígios de uma proposta construtivista de alfabetização, as atividades mais recorrentes são: a escrita do nome dos alunos, a escrita de palavras através de ditados, palavras cruzadas, bingos. Outra constatação importante é que há indícios de que o tempo de aula destinados a leitura de textos ou de livros, é inferior ao tempo destinado as atividades de escrita, considerando que os enunciados propondo leitura de textos e livros não ocorre diariamente, ao contrário do que acontece com as atividades de escrita e leitura de palavras.

4. CONCLUSÕES

As pesquisas referindo-se a história da alfabetização tendem a realizar o levantamento dos dados em documentos oficiais da escola. O presente trabalho tem outra proposta que é investigar as mudanças e permanências das concepções de alfabetização através dos Diários de Classe manuscritos das professoras alfabetizadoras que são de “propriedade” das professoras, não ficam arquivados na escola no final do ano letivo, e mesmo tendo que seguir certa organização, porque em alguns momentos são verificados pela supervisora da escola, as professoras têm uma maior “liberdade” para organizar e fazer registros e anotações do cotidiano da escola além daqueles referentes aos planejamentos das aulas. Consideramos, assim, os Diários de Classe como escritas ordinárias de natureza profissional (MIGNOT,2006), que registram no dia a dia boa parte do que foi desenvolvido na sala de aula, ou aquilo que seria trabalhado em um determinado dia de aula. São escritas que muitas vezes ficam “silenciadas” no cotidiano da escola e na própria história da educação, mas que podem ajudar a contar parte da história do ensino da leitura e da escrita.

Assim consideramos que este trabalho tem a possibilidade de abrir um espaço para as vozes “silenciadas” das professoras na construção da história do ensino e da leitura e da escrita em nossas escolas.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CHARTIER, Anne Marie. Exercícios escritos e cadernos de alunos: reflexões sobre práticas de longa duração. In: CHARTIER, Anne Marie. **Práticas de leitura e escrita. História e atualidade**. Belo Horizonte: Autêntica. CEALE. Coleção Linguagem e educação, 2007.

GINZBURG, Carlo. Sinais: Raízes de um paradigma indiciário. In: GINZBURG, Carlos. **Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história**. Tradução de Federico Carotti. São Paulo: Companhia das letras: 2011.

LAPUENTE, Janaína Soares Martins; PERES, Eliane. **O “Método da Abelhinha” em Pelotas (1965-2007)**. In: SCHWARTZ, Cleonara Maria; PERES, Eliane; FRADE, Isabel Cristina Alves da Silva (Org). Estudos da História da Alfabetização e da Leitura na Escola. Vitória, ES:EDUFES, 2010.

MIGNOT, Ana Chrystina Venancio. Os cadernos escolares como fonte histórica: aspectos metodológicos e historiográficos. In: MIGNOT, Ana Chrystina Venancio (org.). **Cadernos à vista. Escola, memória e cultura escrita**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2008.

MIGNOT, Ana Chrystina Venancio; CUNHA, Maria Tereza Santos. Razões para guardar: a escrita ordinária em arquivos de professores/as. In: **Revista Educação em Qualidade**. N^a 11, V.25. Jan./abr. 2006, p.40-61.

MORTATTI, Maria Rosário Long. **História dos métodos de alfabetização no Brasil**. Disponível em http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/Enfund/alf_mortattihisttextalfbbr.pdf. Acessado em 06/07/2011 as 10h.

PÉREZ, Francisco Carvajal; GARCÍA, Joaquim Ramos. Alfabetização como meio de recriar a cultura. In: PÉREZ, Francisco Carvajal; GARCÍA, Joaquim Ramos (org.). **Ensinar ou aprender a ler e a escrever?**. Porto Alegre: ARTEMED Editora S.A, 2001.

SOARES, Magda. **Letramento: um tema em três gêneros**. 2.ed, 5.reimpr. Belo Horizonte: Autentica, 2002.

_____. **A reinvenção da alfabetização**. Parte de palestra proferida na FAE UFMG, em 26/05/2003, na programação "Sexta na Pós". Transcrição e edição de José Miguel Teixeira de Carvalho e Graça Paulino. Disponível em <http://www.meb.org.br/biblioteca/artigomagdasoares>. Acesso em: 3 mar. 2006